



ANAIIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

Vol. XIV (2013)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

Os judeus e o comércio colonial (séculos XVI-XIX): novas abordagens. Introdução.

José Alberto Rodrigues da Silva Tavim 

Como Citar | How to Cite

Tavim, José Alberto Rodrigues da Silva. 2013. «Os judeus e o comércio colonial (séculos XVI-XIX): novas abordagens. Introdução.». *Anais de História de Além-Mar* XIV: 09-13.
<https://doi.org/10.57759/aham2013.37030>.

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores
Av.^a de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal
<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

Copyright

© O(s) Autor(es), 2013. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2013. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).
The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

**Os judeus
e o comércio colonial
(séculos XVI-XIX):
novas abordagens**

INTRODUÇÃO

por

JOSÉ ALBERTO RODRIGUES DA SILVA TAVIM

Quando idealizámos a organização de um *dossier* subordinado à temática «Os Judeus e o Comércio Colonial (Séculos XVI-XIX)» – prontamente aceite pela direcção da revista *Anais de História de Além-Mar* –, partimos para este empreendimento com a consciência de uma realidade que poderia afectar a produção do mesmo: a inexistência secular, em Portugal, de uma área de investigação constituída como corpo autónomo em outros países (em que pontificam a França, o Reino Unido, a Alemanha, a Itália e mesmo o país vizinho): os Estudos Judaicos. Esta constatação não pretende escamotear o mérito de algumas produções individuais, inclusive as incursões acerca dos judeus e o Império, em que se destaca o trabalho de Maria José P. Ferro Tavares. O que desejamos salientar é que não existe uma tradição de Estudos Judaicos em Portugal como área curricular, por motivos que já expusemos algures¹. Pelo contrário, por «pressão das próprias fontes», ou seja, devido à exiguidade do material que restou², produzido pela minoria, e à produção maciça de documentação pelos tribunais inquisitoriais, em Portugal os Estudos Inquisitoriais impuseram o seu dinamismo sobre a questão dos judeus e dos conversos, o que resultou, mesmo em tempos mais recentes, numa visão fundamentalmente institucional da sua História, e determinada pela sua relação com o Santo Ofício e, mesmo aqui, avessa às reflexões metodológicas e conceptuais que estruturam os Estudos Judaicos na Europa e nos Estados Unidos. Uma certa ignorância, mas sobretudo a falta de interesse em conhecer as especificidades identitárias e culturais das comunidades judaicas de matriz ibérica (ou dos grupos de conversos) levou ao paradoxo de certas constituições institucionais – cujo objectivo fundamental deveria

¹ Ver José Alberto R. Silva TAVIM, «Jewish Studies in Portugal», *Hamsa. Journal of Judaic and Islamic Studies*, Vol. 1, 2014. Disponível em <http://www.hamsa.cidehus.uevora.pt/publications/2014/7Tavim.pdf>

² Está em curso um projecto de resgate dessa documentação remanescente nos arquivos centrais e provinciais, por mim dirigido e de cuja equipa fazem ainda parte Lúcia Liba Mucznik e Elsa Vila, com sede no CIDEHUS, Universidade de Évora, e financiado pela Fundação Rothschild – «Portuguese Jewish Sources in Mediaeval Times».

ser a promoção dos Estudos Judaicos – se transformarem em paladinas dos mesmos Estudos Inquisitoriais, continuando assim a despromoção daqueles. Será por acaso que uma nova linha de estudos, *Colonial History – Sephardic Perspectives*, foi agora aberta na Universidade de Potsdam, e não em qualquer universidade portuguesa?

Com este *dossier*, pretendemos realizar um corte neste paradigma de estudos (vamos ver se foi, de facto, conseguido): ele não está determinado pela questão da Inquisição, mas pela pretensão de compreender como esta minoria – auto e heterodefinida culturalmente – se projectou na nova dinâmica socioeconómica e cultural que foi o Império Português. Tal não significa que alguns autores não tenham recorrido às fontes inquisitoriais, devido ao prodigioso manancial informativo que proporcionam. Mas, sempre que o fazem, têm em atenção a sua relação com outra documentação, inclusive aquela produzida pelas próprias comunidades, e não é de facto o determinismo do comportamento destas face ao Santo Ofício o objectivo primordial das suas produções.

Como bem considerou Sarah Abrevaya Stein, o envolvimento desta minoria no comércio colonial remete para contextos diferentes da actualidade: aqueles em que era possível a um determinado grupo sociorreligioso envolver-se num negócio à escala global, devido à experiência acumulada na constituição de contactos intra- e transcontinentais, frequentemente investindo no comércio de uma mercadoria rentável e *à la mode*, como no caso estudado pela autora, das penas de avestruz. Estes contextos foram, nos tempos contemporâneos, substituídos por outros em que a firma, mesmo familiar, não resiste sem ser enquadrada pelas estruturas dos mercados e da banca mundiais: daí que a autora considere aqueles como um «Lost World of Global Commerce»³. As contribuições apresentadas no *dossier* revelam que esta aventura à escala mundial podia, como acontecia também no caso das maiorias sociorreligiosas, apresentar uma faceta intra-, inter-⁴ ou transcultural⁵, podendo conjugar todas estas nuances em diversas fases do investimento. Remetem, desta forma, para a designada História Cultural das práticas económicas, ou para uma História Económica da Cultura – para utilizar expressões conceptuais de Sarah Abrevaya Stein.

O *dossier* está organizado segundo uma lógica de arrumação das contribuições que tem em conta a dimensão cronológica e a perspectiva globalizante ou de cariz mais preciso das abordagens (tema, área geográfica, ou ambos).

³ Cf. Sarah Abrevaya STEIN, *Plumes. Ostrich Feathers, Jews, and a Lost World of Global Commerce*, New Haven and London, Yale University Press, 2008, sobretudo pp. 149-154.

⁴ Ver, por exemplo, Jessica ROITMAN, *The Same but Different? Inter-Cultural Trade and the Sephardim (1596-1640)*, Leiden, Brill, 2011.

⁵ Ver, por exemplo, Francesca TRIVELLATO, *The Familiarity of Strangers. The Sephardic Diaspora, Livorno, and Cross-Cultural Trade in the Early Modern Period*, Yale, Yale University Press, 2009.

Começa com um ensaio de David Graizbord sobre as matrizes identitárias e culturais que especificam o universo judaico. O objectivo primordial é o de alertar sobre a necessidade de pensar os conceitos utilizados para analisar, nomeadamente, a actividade dos conversos, e que traduziam (e ainda muitas vezes traduzem) uma forma de operacionalidade sobre esta matéria histórica proveniente do universo cristão. Embora transcenda a especificidade da temática deste *dossier*, agradecemos ao autor ter respondido ao repto de o seu artigo surgir como uma espécie de prelúdio, com as suas interrogações e exemplificadas considerações de que não é possível tratar razoavelmente os universos dos judeus e dos conversos, e mesmo as suas relações com o Tribunal do Santo Ofício, com a utilização de uma terminologia deficiente, descurando o conhecimento da idiossincrasia identitária judaica. Na segunda contribuição, também com uma visão mais globalizante, Claude B. Stuczynski explora de uma forma inédita a relação entre negócio imperial e ideologia, ao demonstrar que a reconsideração do ideário manuelino por parte de (alguns) conversos serviu, em simultâneo, para a revitalização daquele e para a integração e promoção social destes últimos. O trabalho de José Alberto Tavim é sobretudo uma incursão na semântica cultural dos bens oriundos do comércio imperial, ou seja, acerca da sua utilização e valorização nas práticas maiores da sociabilidade dos judeus portugueses de Amesterdão, como o testamento, revelando como a distribuição dos bens legados era um momento maior de controlar e, por vezes, fortalecer as fronteiras identitárias de membros da mesma família alargada que se espalhava por várias comunidades judaicas e que continuava a possuir parentes conversos a residir em Portugal.

Passamos de seguida para um conjunto de contribuições que visam sobretudo a questão da multiculturalidade das redes em que os judeus de matriz ibérica se inseriam. A primeira pertence a Cátia Antunes, que nela especifica a evolução desta faceta da «história económica da cultura» em Amesterdão, para concluir que no século XVII a cooperação multicultural se verificou sobretudo ao nível comercial, passando no século seguinte mais para o espectro da finança. Filipa Ribeiro da Silva elege também a comunidade judaica portuguesa de Amesterdão como alvo da sua proposta de estudo acerca da relação entre judeus e comércio colonial, mas especificando o seu investimento na costa ocidental africana. O seu objectivo é analisar os mecanismos de financiamento e de viabilização do negócio, assim como os ramos deste último; e, enveredando por esta perspectiva, encontra os vários elementos da cadeia transcultural, que não deixa de evidenciar. Ainda neste âmbito do negócio transcultural surge a contribuição de Daniel Strum, mas desta vez tendo em conta a rota do açúcar brasileiro. Saliente-se que, numa perspectiva também inovadora, Daniel centra a sua atenção, em termos de análise do negócio transcultural, nos agentes dos mercadores.

Todas as restantes contribuições que constituem este *dossier* apresentam abordagens de um maior particularismo temático, seguindo a trama

da cadeia temporal. O artigo do professor Gérard Nahon demonstra que o desfolhar dos arquivos notariais pode revelar como o negócio relacionado com o ultramar era o cerne estruturante de uma comunidade que vivia no exterior do Império – neste caso, a de Baiona – e também a complexidade da sua hierarquia e diversidade social. Assim como a contribuição do professor Nahon se edifica em torno de uma área geográfica específica – Baiona –, a de João Figueirôa-Rego tem em conta, desta vez, certa rede e mobilidade dos «Homens de Nação», com um carácter essencialmente endogâmico que ajuda a proficiência, e que se constrói em torno de um artigo de premência social para a época: o tabaco, frequentemente associado ao negócio dos escravos. O artigo de Peter Mark e José da Silva Horta, respeitante à actuação de conversos e judeus na costa da Alta Guiné durante os séculos XVI e XVII, tem como matriz de análise questões identitárias derivadas da necessidade de interpenetração na sociedade africana local; ou seja, coloca-se num outro prisma, que tem como *leitmotiv* a auscultação de níveis de permeabilidade ou hibridismo social, e não propriamente o das virtudes da prática endogâmica em termos de cultura económica. Na escala do tempo, a última contribuição pertence a Jorge Afonso, que analisa o desempenho dos judeus nas mercancias com o Norte de África, nos finais do século XVIII e princípio do século XIX, privilegiando a regência de Argel e o caso de Essaouira, e a sua intervenção essencial num outro negócio secular na região – o resgate dos cativos – a par de outros, como o do trigo. Afonso reitera que o desempenho transcultural destes judeus permitiu, antes de mais, a «respiração» económica das potências magrebina, que não tinham possibilidade de desenvolver marinha própria, devido à pressão das potências europeias. Neste âmbito, a contribuição de Afonso tem o mérito de chamar a atenção para a especificidade da actuação dos judeus, não só em outro espectro cronológico, mas também noutro contexto cultural, que difere quase radicalmente da maior parte dos exemplos apresentados até aqui.

Na verdade, não foi nosso objectivo que as contribuições se limitassem às áreas do Atlântico e do Mediterrâneo, tocando apenas ao de leve o contexto oriental. Contingências de escolhas assumidas pelos autores e outras levaram a que o *dossier* passasse àquela delimitada expressão espacial. Mas também o objectivo da produção deste *dossier* não foi traçar um quadro global da problemática, tendo em conta toda a dimensão espacial (ou outra) do negócio dos judeus no, e com o, Império Português, mas sim revelar outras perspectivas – metodologias e abordagens – acerca da relação de um grupo sociorreligioso minoritário com o negócio ultramarino, e suas repercussões em todos os espectros da sua vida social, partindo de casos mais gerais ou mais particulares. De qualquer forma, o dinamismo que esta área de estudos revela decerto dará origem a muitas outras abordagens inovadoras e abrangendo outros contextos culturais, temporais e cronológicos. Esperamos que este *dossier* tenha no mínimo aliciado o leitor a embarcar nessa aventura.

Desejamos agradecer, por fim, não só aos colaboradores, pelo interesse demonstrado em participar no *dossier*, mas também ao director da revista, João Paulo Oliveira e Costa, por ter acedido prontamente à nossa solicitação; e a João de Figueirôa-Rêgo e Cátia Teles e Marques, respectivamente, coordenador e secretária da revista, devido ao seu empenho e eficiência em todas as fases de procedimento editorial, num verdadeiro exercício de profissionalismo com o intuito de produzir um trabalho final de qualidade. Uma palavra de carinho especial vai para a colega Maria Manuel Torrão, que colaborou sobretudo no princípio da elaboração do *dossier*, tentando sanar as várias dificuldades que foram surgindo.

Gostaríamos ainda de salientar que a produção do *dossier* começou em 2012, sendo muitos dos textos entregues no ano seguinte. Se bem que aos autores tenha sido dada a possibilidade de revisão e de actualização dos mesmos (nomeadamente da bibliografia), a sua produção remonta, na realidade, há dois anos e espelha, portanto, o contexto científico do momento. Vicissitudes várias levaram a este atraso, mas, tal como se apresentam, os artigos continuam a revelar – esperemos que o leitor concorde – novas perspectivas e abordagens acerca da complexa temática dos judeus, cristãos-novos e comércio colonial.

Por fim, queríamos dedicar este *dossier* à memória da professora Ivana Burdelez, que a partir de Dubrovnik tanto se esforçou por manter, durante anos consecutivos, encontros científicos acerca da história, cultura e religião dos judeus, sendo um destes dedicado precisamente à temática dos judeus e do mar.